



RELATO DE EXPERIÊNCIA COM DONA ANGELINA, VASSORISTA DA COMUNIDADE DO QUILOMBO DO BARRO PRETO EM JEQUIÉ-BA

ANA PAULA SOUSA SANTOS¹
ANA ANGÉLICA LEAL BARBOSA²

Este relato de experiência busca contribuir de forma significativa e, sobretudo mostrar visualmente e manualmente aos alunos da Escola Municipal Padre Antônio Molina, que atende a modalidade da Educação Infantil, umas das tradições existentes na Comunidade do Barro Preto, com a participação de Dona Angelina (Géu), uma vassorista com 80 anos de idade. Com o intuito de integrar escola e comunidade, a presença de Dona Angelina na Escola Padre Antônio Molina foi uma oportunidade de valorizar os conhecimentos da população afrodescendente no combate a todos os tipos de violência e na preservação de legados. Convém ressaltar, que a sua visita fez parte da programação sobre o dia do folclore, data que comemora a cultura brasileira de um povo, de uma comunidade, de uma nação. Géu como é conhecida por todos na vizinhança, criou dez filhos trabalhando na confecção de vassouras. Segundo a entrevistada, esse trabalho tornou-se a principal forma de sustento da família. Nesse contexto de valorização da cultura e legados dos nossos ancestrais africanos, a visita dessa senhora foi uma oportunidade de valorizar os saberes e conhecimentos transmitidos pelos nossos antepassados. Soma-se a tais questões, a valorização da cultura local, o desenvolvimento da autoestima e a preservação dos legados da Comunidade do Bairro Preto. Com o intuito de integrar escola e comunidade, a presença de Dona Angelina na Escola Padre Antônio Molina foi uma oportunidade de valorizar os conhecimentos da população afrodescendente no combate a todos os tipos de violência e na preservação de legados. Convém ressaltar, que a sua visita fez parte da programação sobre o dia do

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Educação Especial pela FIJE.

² Doutora em Genética pela Universidade Federal do Paraná, Brasil (2003), Professora Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

Folclore, data que comemora a cultura de um povo, de uma comunidade, de uma nação. Nesse contexto de festividade, tais saberes não podem ser relembrados apenas a uma data comemorativa, pois todos eles são elementos fundamentais no campo da etnicidade, pois ser étnico ultrapassa em muito apenas a cor da pele; refere-se também a questões relativas ao pertencimento, identidade, festividade, crenças, saberes, cheiros e legados. Sendo nossa escola uma instituição quilombola, o número de alunos matriculados é de origem afrodescendente. Logo, surge a necessidade de conscientizá-los sobre a importância da história e da cultura dos nossos ancestrais na formação do povo brasileiro. Sendo assim, os conhecimentos e as técnicas acerca da arte de produzir vassouras é uma oportunidade de valorizar e preservar os legados das comunidades no entorno da unidade escolar. Na oportunidade, a programação sobre o dia do Folclore também apresentou outras atividades que fazem conexão com a data comemorativa, tais como: culinária africana, trava-línguas, contos folclóricos, músicas, apresentações e danças. Por conseguinte, todos os legados e saberes apresentados, especialmente os conhecimentos e técnicas compartilhados por Dona Agelina sobre a produção de vassouras estão relacionados com a dinâmica, a metodologia e os conteúdos ministrados pelo curso de extensão da Odeerê – Educação Quilombola. Por conseguinte, os conhecimentos transmitidos por meio do curso “Educação Quilombola”, possibilita o desenvolvimento da autoestima bem como fortalecer a identidade e a cultura local. Logo, valorizar os conhecimentos de Dona Angelina é preservar e valorizar uma história viva. A história dessa senhora não está isolada e perdida no tempo, pois é uma continuação de legados de várias gerações dos povos que foram outrora escravizados. Por tudo isso, os conhecimentos, saberes e legados das comunidades locais é salutar para dar sentido à existência, dentre eles, o conhecimento e a técnica de fabricação de vassouras. Sendo assim, toda forma de conhecimento, de saberes, de legados e de crenças são formas de produzir cultura. Pois, sem cultura não há

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

civilização, nem identidade, nem etnicidade, nem senso de pertencimento. São as manifestações culturais que nos torna humanos e nos transmite o sentimento de pertencimento, de povo, de nação, de um bairro, de uma comunidade. Diante dos diversos tipos de “derretimentos”, frutos da modernidade líquida, onde nada é feito para durar, principalmente as relações humanas, faz-se necessário valorizar o que nos é comum – a cultura local e o saber ancestral. Por isso, importa valorizar e respeitar uma lenda viva – Dona Angelina e seus saberes.



REFERÊNCIAS:

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva. (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção primeiros passos; 110).